

O catarinense Salim Miguel recebeu o Juca Pato



Escritores Salim Miguel e Eglê Malheiros

Na noite de 30 de agosto, uma Sexta-feira, o escritor catarinense Salim Miguel recebeu o Troféu Juca Pato, láurea concedida pela União Brasileira de Escritores com o patrocínio da Folha de S. Paulo, em solenidade ocorrida na Biblioteca Mário de Andrade, em São Paulo. Aclamado vencedor da 39ª edição do Concurso O Intelectual do Ano, sem concorrência e disputa, pois merecedor do apoio geral, Salim Miguel inscreveu-se com a obra *Eu e as corruínas, coletânea de crônicas* publicada pela Editora Insular, em 2001.

O laureado Salim Miguel foi saudado por Claudio Willer, presidente da UBE, José Castilho Marques, diretor da Biblioteca Mário de Andrade, Cassiano Ellek Machado, jornalista, representante da Folha de S. Paulo, Octavio Ianni, vencedor do Troféu Juca Pato em 2001.

A seguir, publicamos os discursos lidos na ocasião.



Claudio Willer

"A confraria dos ganhadores do prêmio Juca Pato – Concurso Intelectual do Ano ao longo destes exatos 40 anos, desde sua criação em 1962 por nosso querido Marcos Rey, é constituída por poetas, narradores em todas as modalidades da prosa, cientistas sociais, críticos, jornalistas, estadistas, polígrafos de diversos matizes, importantes pensadores. Recebe-o agora um de nossos principais narradores em prosa, Salim Miguel.

Nada tem de circunstancial ele haver recebido esse prêmio, conforme o corrobora, neste seu jubileu de 50 anos de literatura, o Juca Pato para Salim Miguel completar uma série de honrarias e manifestações, desde o prêmio da APCA entregue por *Nur na escuridão*, em 1999, passando pelo generoso e importante prêmio Zaffari e Bourbon, de Passo Fundo, ano passado, e pelas homenagens prestadas pela UBE de Santa Catarina.

A observar, além de tudo o que confere relevo ao Juca Pato, a reafirmação de seu alcance nacional. Nos últimos anos, foram eleitos autores de São Paulo ou há muito aqui instalados; agora, ele volta em boa hora a ultrapassar fronteiras estaduais. Quero crer que esta seja a segunda vez em que premiamos alguém de Santa Catarina (já que, dentre os ganhadores da láurea, já temos um catarinense ilustre, Dom Paulo Evaristo Arns). E, note-se bem, desta vez é um catarinense não apenas ocasional, por adoção (pois Salim Miguel na verdade nasceu no Líbano), mas um catarinense intrínseco, específico, visceral, já que essa parte do Brasil, especialmente a cidade de Florianópolis, está presente em sua obra, como tema, evidente contexto e cenário de narrativas, evocações e ensaios.

Exorbitaria ao querer dar um depoimento pessoal sobre Santa Catarina e seus escritores? Ao menos, tenho justificativas para fazê-lo, pois é o estado da Federação que mais freqüentei, como escritor, por ter amigos lá, e evidentemente por uma combinação das duas circunstâncias. Florianópolis foi a capital brasileira que mais visitei, desde o início dos anos 60 – época em que, circulando por locais dessa cidade, já me apontavam Salim Miguel como o prosador importante daquela terra.

Isso fundamenta e confere credibilidade, espero, ao que teria a dizer em favor da valorização e maior circulação nacional da riquíssima produção literária catarinense, desta vez tão bem representada por seu expoente máximo em prosa. E com sua plena anuência, tenho certeza, em sua condição de crítico, colaborador em publicações culturais, dirigente dessas publicações, enfim, de ativo defensor que sempre foi do livro e da literatura de qualidade. Com efeito, Salim Miguel sabe muito bem (citando-o em *Eu e as Corruínas*) que *o leitor é sempre um autor em embrião*. Daí pertencer à espécie dos escritores solidários, aos quais dá prazer outorgar e entregar prêmios, por não se empenharem apenas na justa divulgação de seu próprio trabalho, mas dos seus pares, do que há de melhor, especialmente na literatura brasileira contemporânea.

É claro que entre os autores cuja circulação gostaríamos, ambos, que fosse ampliada estão os poetas catarinenses, os tocados ou impregnados pela bruma simbolista que paira sobre Florianópolis, como Eglê Malheiros, aqui presente, bem como meu especial amigo Rodrigo de Haro, também artista plástico de renome, mais Péricles Prade, Osmar Pisani, Alcides Buss, e vários outros escritores e amigos. Lembro também a Lindolf Bell, pois, conforme já tive ocasião de afirmar em uma sessão

rememorativa realizada aqui mesmo, nesta Biblioteca Mário de Andrade, é absurdo nos anos 60 ele haver-se tornado uma figura de projeção nacional, personagem olímpico à frente de uma Catequese Poética, e sua morte, em 1998, ter sido objeto, quanto muito, de breves registros. Falaria ainda, no capítulo dos poetas, de catarinenses adotivos, como Iaponan Soares, Leonor Scliar-Cabral, Alckmar Luiz dos Santos e Pedro Garcia, além de outros, para cuja leitura remeto à bela antologia

A diversidade cultural, por vários motivos, é mais evidente em Santa Catarina, bem como o diálogo nessa diversidade, a soma de diferenças.

Trezena Lírica. Quanto a prosadores, menciono ainda Guido Vilmar Sassi, tão bem homenageado pelo próprio Salim Miguel, e nossos Deonísio da Silva e Edla Van Steen.

Mas não é só por exercício de rememoração que falo de Santa Catarina e seus escritores. Servem como pretexto para examinar alguns traços constitutivos do que seria uma cultura brasileira, ou uma identidade nossa. Afinal, no elenco de escritores que acabo de citar, figura este libanês de Biguaçu, cidade litorânea próxima a Florianópolis; ambas, Biguaçu e Florianópolis, tão bem tratadas literariamente por ele. Conhecemos também os descendentes dos açorianos que povoaram a ilha e o litoral; outros com sobrenomes italianos; os descendentes diretos de famílias vindas da Alemanha, Europa Central e do Norte; os do Oeste do estado, os tiroleiros, meio italianos e meio austríacos; brasileiros de outras origens; e todos, tendo como patrono um negro, nosso expoente universal do simbolismo, Cruz e Souza.

Assim, a diversidade cultural, por vários motivos, é mais evidente em Santa Catarina, bem como o diálogo nessa diversidade, a soma de diferenças. São qualidades que podemos associar a Salim Miguel, não apenas por uma circunstância como sua origem libanesa, mas sim, por ele ser um protagonista, um agente ativo desse diálogo. Digo mais: um autêntico militante cultural, ao aliar-se a outros escritores, inicialmente no inovador Grupo Sul e no Circulo de Arte Moderna, e ao conjunto da produção cultural catarinense, sendo também um sistemático apreciador e comentarista de artes plásticas. Estas foram etapas de uma biografia admirável, marcada pela coerência e integridade que lhe possibilitaram escrever algo como *Primeiro de abril, narrativas da cadeia*, seu livro de 1994, e o autorizaram a ser autobiográfico também em outras de suas obras, pelo simples motivo de efetivamente ter o que dizer. Em Salim Miguel, vida e criação literária nunca estão dissociadas, e sua escrita jamais seria um mero afazer burocrático, mas sim a reiteração de uma convicção humanista e



Claudio Willer

de uma crença em elevados valores culturais. Sempre, nessas comemorações de entrega do Juca Pato, procuro oferecer algum comentário sobre a obra que, conforme o regulamento do concurso, qualificou o premiado. Faço-o novamente, sem qualquer pretensão de acrescentar algo ao já dito, à extensa bibliografia crítica que inclui a coletânea de depoimentos por vários de nossos maiores intelectuais, intitulada *Salim na Claridade*. O livro publicado no ano passado, possibilitando sua inscrição como candidato ao Juca Pato, foi a coletânea de crônicas *Eu e as corruínas*. Tem importância por remeter ao conjunto da sua obra, ao evidenciar suas qualidades. Uma delas, que já me havia chamado a atenção ao ler *O castelo de Frankenstein*, é relacionada ao Salim Miguel leitor, ao escritor que fala de livros e de outros escritores. Mostra que a criação literária é, sempre, uma interlocução com outras obras e outros autores, inseparável da leitura. Importante salientar isso hoje, quando, lamentavelmente, o ensino de literatura vai sendo abandonado em nosso

país, privando os nossos estudantes dessa possibilidade de fruição e enriquecimento através da ampliação da imaginação e da consciência.

Pois bem: em *Eu e as corruínas*, obra na qual o lirismo alterna com o bom humor, por exemplo no relato do borgeano episódio da invenção de um autor inexistente (também já fiz essa brincadeira), depois de escrever tantas páginas sobre livros e autores, Salim Miguel, em uma reafirmação do seu compromisso com a literatura, apresenta, em *De Livros e Livreiros*, uma espécie de metacrônica literária, sobre livros que, por sua vez, tratam de livros; e, como uma de suas modalidades, das biografias de livreiros. Ou seja, daqueles, usando suas palavras, dominados pela paixão do livro. Aí está um assunto que ele conhece bem, por ser, mais que leitor e bibliófilo apaixonado, um possessor do livro, a ponto de participar de todas as suas etapas de produção, tendo, em diferentes momentos de sua vida, trabalhado em gráficas, editoras, redações e livrarias.

Em Salim Miguel, vida e criação literária nunca estão dissociadas; sua escrita é a reiteração de uma convicção humanista e de uma crença em elevados valores culturais.

Já falei, em outras ocasiões, da satisfação de entregar prêmios Juca Pato, e de estar em sessões que me proporcionam o contato com protagonistas da vida cultural do Brasil contemporâneo. É uma razão adicional para congratular-me com os proponentes de sua candidatura ao prêmio, em uma lista encabeçada por Fábio Lucas; com o patrocinador do concurso, o jornal *Folha de S. Paulo*; com os presentes a esta solenidade; e, evidentemente, com os leitores e apreciadores da obra de Salim Miguel." &



Salim Miguel

"Desejo, neste momento de grande emoção, agradecer à UBE, à *Folha de S. Paulo* e aos que vieram prestigiar este ato.

Infelizmente, como homem inserido em meu tempo, como jornalista e escritor não posso, neste início de um novo século e de um novo milênio, dizer que temos diante de nós um mundo mais solidário, propiciador de júbilo. Mas continuo acreditando na capacidade de luta e superação de nosso povo e confiante de que, um dia, os povos da Terra se reconhecerão irmãos.

O século 20, recém-findo, foi marcado por espantosas transformações, por inimagináveis avanços no campo da ciência, da tecnologia, da arte, da cultura. São desvendados os mistérios do infinitamente grande e do infinitamente pequeno; o engenho humano não recua ante desafios; contudo, num mundo lotado de alimentos, a fome é companheira constante de milhões de pessoas; e o poderio destrutivo dos armamentos pode acabar de vez com a aventura do *homo sapiens* em nosso planeta.

Olhemos o Brasil, país que tem tudo para dar certo. Aqui convivem gentes das mais diferenciadas etnias, vindas dos mais distantes pontos do mundo. Os trazidos à força, como os que vieram na condição de escravos; os empurrados pela miséria

em sua pátria de origem; os impulsionados pelo desejo de aventura ou pela cobiça; por eles, no decorrer de nossa história, foi sendo ocupado este imenso território, enquanto se arrasava e empurrava para os desvãos os indígenas. São belas páginas e páginas horrendas, de tudo isso somos feitos. No entanto, hoje nós sabemos, e não é possível aceitar que, segundo dados oficiais do IBGE, dos 170 milhões de brasileiros, cerca de 50 milhões vivam (se é justo usar este verbo) com menos de meio salário mínimo; impossível concordar com a crescente concentração fundiária e o dramático êxodo rural, provocando o inchaço das periferias urbanas e todas as suas conseqüências. Um modelo de "globalização", que nos foi impingido goela abaixo, sangra nossa terra, enquanto obriga os trabalhadores a lutar pela manutenção de conquistas históricas, em vez de avançar na construção de uma sociedade mais justa e fraterna.

Olhar para o resto do mundo também não nos tranquiliza. Creio que ninguém poderá dizer uma palavra a favor do que ocorreu em 11 de setembro do ano passado, nos Estados Unidos, mostrado ao vivo pela TV, o que para muitos pareceu efeitos especiais de um filme. Mas também não se pode aceitar a ação do governo Bush no Afeganistão, que pode ser resumida na frase paradigmática do pi-

Juca Pato - Congratulações

Senhor Presidente:

Na impossibilidade de estar presente à solenidade de entrega do Troféu Juca Pato ao escritor Salim Miguel, por cuja candidatura muito me bati, venho expressar a V. S., à União Brasileira de Escritores, à *Folha de S. Paulo* e ao público presente o meu júbilo pela atual destinação do título de "Intelectual do Ano" de 2001.

Com efeito, o Troféu Juca Pato, desde a sua criação, visou a evidenciar obra que tenha contribuído para o debate de idéias no país. Historicamente, a outorga da distinção tem recaído em autores e obras que, de certo modo, se identificam com os princípios básicos da União Brasileira de Escritores, ou seja, a defesa da liberdade de expressão e a proteção dos interesses profissionais do escritor.

Afortunadamente, a solenidade do dia 30 de agosto reúne, na passagem do Troféu Juca Pato, duas personalidades ímpares na defesa das idéias democráticas em suas obras: Octavio

Ianni e Salim Miguel.

Deste modo, cumprimento a V.S. pela felicidade de ter a sua gestão coroada por evento cultural tão auspicioso.

Atenciosamente,

Fábio Lucas

Senhor Presidente:

Agradecendo o convite - recebido com atraso - para a solenidade de entrega do troféu Juca Pato ao escritor Salim Miguel, ocorrida em 30 de agosto p.p., apresento congratulações ao ilustre homenageado, com cordiais saudações a todos.

Atenciosamente,

Paulo Evaristo, CARDEAL ARNS
Arcebispo Emérito de São Paulo

Prezados amigos:

Agradeço o convite para a solenidade de entrega do troféu Juca Pato ao escritor Salim Miguel, que se realizará no próximo dia 30 de

agosto, mas, infelizmente, em razão de compromissos anteriormente assumidos, não poderei estar presente.

Peço a gentileza em justificar minha ausência e deixar forte abraço a todos e ao amigo escritor Salim Miguel.

Cordialmente,

Ives Gandra da Silva Martins

Caros amigos:

Lamentavelmente não poderei comparecer à festa da entrega do Juca Pato ao ilustre escritor Salim Miguel. Seria uma ótima oportunidade para cumprimentar o agraciado e reencontrar os caríssimos amigos e companheiros da UBE, mas, para meu pesar, já tenho compromisso para aquela data, fora de São Paulo.

Assim sendo, peço-lhes que transmitam ao novo ganhador do honroso Troféu Juca Pato os meus calorosos cumprimentos pela merecida premiação. Nesta oportunidade, re-

novo ao caríssimo presidente e a todos os demais amigos da UBE os meus votos de paz, com as expressões de minha fraterna amizade.

Dalmo de Abreu Dallari

Senhor Presidente:

Recebi com muita satisfação e antecipadamente agradeço o convite para participar da cerimônia de entrega do Troféu Juca Pato ao escritor Salim Miguel, eleito Intelectual do Ano de 2001, nesta data.

Nesta ocasião, não posso deixar de responder a tão honroso convite me fazendo representar na pessoa do Senhor Luis Avelima, assessor desta Pasta.

Na oportunidade, formulo votos de pleno êxito e reitero protestos da mais elevada consideração.

Cordiais saudações.

Marcos Mendonça
Secretário de Estado da Cultura

loto de um super jato: “É um desperdício despejar bombas de dois milhões de dólares em casebres de dez dólares.” Ele, por certo, esqueceu-se de que força é jogar as bombas, para que o complexo industrial-militar escape da crise.

Não tenho como fugir a mais um registro, este dizendo respeito às minhas raízes; refiro-me ao que vem ocorrendo no Oriente Médio entre Israel e a Palestina. Sou decididamente pela paz, o respeito e a concórdia entre os povos, quanto mais entre povos irmãos. E me pergunto: a que grau de desespero deve chegar um ser humano para se transformar num homem-bomba; e quanta coragem deve ter um soldado para se recusar a lutar, desobedecendo ao governo de Israel?

Egoisticamente, em ermos estritamente pessoais, o imigrante filho de imigrantes, que ora vos fala, nem teria muito do que reclamar. Embora não se considere realizado, pois realizado é acabado, acumulou, ao longo da vida, alguns êxitos e muitas alegrias. Uma delas este Troféu Juca Pato de Intelectual do Ano, da UBE e da *Folha de S. Paulo*, com o qual jamais sonhou e que o coloca ao lado de nomes dos mais representativos da cultura brasileira. Acresce o fato de ter a saudá-lo Octavio Ianni, sociólogo, ensaísta, pensador, respeitado por sua vida e sua obra. Admiro-o há muito e, por uma coincidência do destino, só fui conhecer pessoalmente faz poucos meses, em Florianópolis.

Que a UBE intensifique a luta pelos direitos dos trabalhadores intelectuais e que, no Brasil, se suspenda a ingrata censura que o analfabetismo (aí incluindo o funcional) impõe a nossos autores.

Com os olhos do coração percebo, assistindo a este ato, igualmente emocionados, o casal de imigrantes Tamina e Youssef. Ela dirá: conseguiu. E ele: eu sabia, eu sabia. Explico: minha família morava em Biguaçu, município da grande Florianópolis. Tinha eu uns dez anos e meu pai, me vendo devorar o que encontrava de papel impresso, perguntou o que pretendia fazer na vida. Respondi sem titubear: ler e escrever. Minha mãe, ainda e sempre Tamina, ou dona Tamina, observou: não vai ser fácil. E meu pai, não mais Youssef, agora José, ou seu Zé, ou Zé Turco, ou Zé Gringo: espero, torço, vais conseguir.

Fácil não foi, mas consegui. Mesmo porque não sei fazer outra coisa. Claro que não vivi, nem vivo dos direitos autorais de meus livros, raríssimos os que o conseguem entre nós. Vivi e vivo do meu trabalho de jornalista profissional, do trato com a palavra em todas as suas dimensões.

Devo o que sou e o que sei a gentes de papel e a gentes de carne e osso. Nomeá-los todos, impossível. Sintetizo-os em Dom Quixote e Sancho Pança, dos quais cada um de nós creio ter um pouco, no preto velho Ti Adão, de quem na vendola de meu pai escutei muitas lições de vida, no poeta, cego, livreiro João Mendes, para quem, durante muito tempo li por horas a fio, em voz alta um pouco de tudo, de folhetins como *Buridan*, ou *os Mistérios da Torre de Nesle*, de Michel Zevaco, a *As dores do mundo*, de Schopenhauer, de *Dom Segundo Sombra*, de Ricardo Guiraldes a *O tronco do Ipê*, de José de Alencar, a nomes que me marcarão e que releio até hoje, Machado, Eça, Cruz e Sousa; no professor Aníbal Nunes Pires, que se realizava vendo os outros criarem; no escritor Adonias Filho, que num momento crucial de minha vida, depois do golpe militar, com outros amigos, conseguiu me tirar da prisão e me levou para trabalhar no Rio e, por último, mas não em último, na Eglê Malheiros, minha mulher, companheira há exatos 55 anos, inspiradora, incentivadora, crítica atenta a tudo que faço, sempre achando que posso fazer mais e melhor.

Se sou um realista e um cético, não sou um desesperançado. Creio que um dia o mundo adquirirá juízo e os homens verão que, sabendo conviver, existe lugar para todos. Não penso que nos anos de vida que me restam possa participar desse “amanhã que canta”. Torço para que meus

Tinha eu uns dez anos e meu pai, me vendo devorar o que encontrava de papel impresso, perguntou o que pretendia fazer na vida. Respondi sem titubear: ler e escrever.

cinco filhos (e aqui estão dois a representá-los) e meus netos (uma neta aqui representa os sete), possam viver e ajudar a construir esse tempo.

Espero que a UBE cada vez mais se fortaleça como propugnadora de uma cultura nacional popular e democrática, múltipla e questionadora, valorizando o debate e o embate de idéias: que intensifique a luta pelos direitos dos trabalhadores intelectuais e para que, no Brasil, se suspenda a ingrata censura que o analfabetismo (aí incluindo o funcional) impõe a nossos autores. Nesta parceria com a UBE, a *Folha de S. Paulo* se mantém fiel à sua proposta de divulgação e apoio à nossa cultura.

Procurei ao longo dos anos traçar um painel do meu tempo e da minha gente. Talvez tenha sido esta uma das razões para que hoje receba este troféu.

Concluo com uma frase extraída do décimo-sexto e último volume do *Diário*, de Miguel Torga. Diz ele: “Se merecer um prêmio é difícil, tão difícil ou mais é saber merecê-lo.” &

Ficção e história na obra de Salim Miguel

Octavio Ianni

Mais uma vez, todos somos desafiados a reconhecer que a biografia e a história estão em permanente contraponto, uma esclarecendo a outra, ambas revelando o que pode haver de surpreendente na vida. Há sempre alguma ou muita ressonância dos movimentos da história na vida do indivíduo; assim como há sempre alguma ou muita ressonância das modulações da biografia em alguns dos segredos da história. Às vezes, é a trajetória do indivíduo, em suas realizações e em seus impasses, em suas frustrações e em suas ilusões, que esclarece o que pode estar escondido na história.

Este é um traço particularmente notável da obra de Salim Miguel: revela o riquíssimo contraponto entre a trajetória do autor e os movimentos da época; as inquietações que perpassam continuamente a realidade e a ficção, os acontecimentos e o imaginário, o dito e a desdita.

Trata-se de uma narrativa na qual ressoam, todo o tempo, o indivíduo e a sociedade, desenhando uma longa, errática e aventureira travessia. Aí estão os pais e os filhos, a família e a coletividade, as etnias



Octavio Ianni

e as línguas, os povos e as nações, o Mediterrâneo e o Atlântico, o Velho Mundo e o Novo Mundo, o século 20 e o século 21; bem como as guerras mundiais, as democracias e as ditaduras, as revoluções e as contra-revoluções, assim como o jornalismo e a literatura, o teatro e o cinema; sempre par-em-par com Eglê Malheiros, fi-

lhos, amigos e companheiros.

Vista assim, em perspectiva histórica ampla, de permeio às vibrações da época, a obra de Salim Miguel revela-se uma narrativa múltipla e colorida, como se fora a narrativa de uma viagem sem fim, iniciada lá longe e continuada no presente, a caminho do futuro; mapeando territórios e fronteiras, continentes e ilhas, desde Kfarsouroun a Nossa Senhora do Desterro; percorrendo aventuras e desventuras, façanhas e ilusões.

É uma viagem de incertezas, mais do que de certezas. Sabe-se de onde se sai, mas não se sabe aonde se chega. “O destino nem era o México. Pelo México, chegar aos Estados Unidos. Só que tal explicação não podia ser dita”. Afinal, chega-se ao Brasil, um momento da travessia, desde o qual continua a travessia. “A terra cresce, avança, se aproxima... Em pouco o navio fundeia. Interrogam-se, buscando localizar-se. Interrogam os demais, pensam intriguados, será isto o tal de Brasil? Não parece. Mal fazem idéia do país para onde se dirigem as informações que têm são inconscientes, fala-se... de negros e índios da variada e rarefeita população, todas as etnias” (1).

Está em curso a entrada de Salim Miguel e a família em outro país, outro mundo,

um lugar desconhecido, muito mais imaginário do que sabido. Assim se inicia outra etapa da longa viagem, no sentido literal e metafórico, permeado de interrogações, em busca de certezas. “Amanhece. Começa o desembarque, O que lhes chega é uma verdadeira babel, os mais diferentes falares se cruzam, as palavras esdrúxulas lhes agridem os ouvidos, sotaques e pronúncias que não têm como identificar. Qual deles o do país para onde se dirigem, a que acabaram de chegar?” (2).

Aos poucos, situam-se, enraizam-se, tanto quanto podem os que estão em travessia. Buscam realizar-se nesse outro mundo, cada vez mais reconhecível. Assumem-se, segundo as condições de Uma sociedade atravessada de barroquismos inimagináveis.

De repente, essa viagem se precipita, inexplicável, assustadora. O país naufraga nos anos de chumbo, na ditadura declarada pela diplomacia da guerra fria, da indústria do anticomunismo, por meio da qual combinam-se o imperialismo e o militarismo. São muitos?, muitíssimos, os que são transformados em suspeitos, subversivos; simplesmente porque pensam diferente, almejando uma sociedade alternativa, mais inteligente. “Detido para averiguações por ordens superiores... os detidos

ficarão incomunicáveis... livros, jornais, revistas, rádio estão proibidos. Queres saber quantos dias vai durar a incomunicabilidade, ignoram" (3).

De repente, Salim Miguel, assim como muitos dos que povoam sua narrativa, estão metidos no pesadelo; jogados na incerteza sobre as suas condições jurídico-políticas, sociais, humanas; padecem a opressão, a brutalidade física e psicológica. "Nunca havia me imaginado preso, ainda mais em decorrência de um golpe militar. Estar preso, guardado sob severa vigilância militar, incomunicável, me era tão absurdo quanto estúpido" (4). "O precário conceito de liberdade, tão precário a partir do golpe de 1964, derruía por inteiro. Surgiram os seqüestros, as guerrilhas, a repressão, as torturas, o pavor, as mortes" (5).

O país, como um todo, foi atravessado pela brutalidade e o obscurantismo. Destruíu-se muito da cultura e das formas de sociabilidade, de inquietação e criatividade, em nome de "segurança e desenvolvimento", isto é, tirania e lucratividade.

É como se a narrativa de Salim Miguel fosse mutilada. A repressão atinge o narrador e a narrativa. Da mesma forma que se mutila a sociedade, mutila-se o criador e a criatura. Nesse sentido é que a destruição da livraria e dos livros, e tudo o que significam, atinge os mais diferentes setores da sociedade, deformando a cultura e a criatividade.

Livraria Anita Garibaldi, Livraria do Salim: "Em 1964, o grupo de incendiários a destruiu. Os livros, todos os livros, foram indiscriminadamente atirados para a Praça XV de Novembro, fronteira à livraria e ali queimados numa fogueira que, por certo, simbolizava a salvação da Pátria contra as idéias esdrúxulas e subversivas veiculadas naquelas brochuras e encadernações de poetas, dramaturgos, artistas, ficcionistas, personalidades da ciência e pensadores." O próprio Salim Miguel reflexiona sobre este fato de sua experiência de livreiro, em seu livro-depoimento *Primeiro de Abril*, narrativa da cadeia: "Será mesmo que os infelizes acreditavam que a força do fogo seria suficiente para extirpar a força das idéias? Em nenhum momento, em nenhum deles terá perpassado a sombra de uma frase de Galileu, *eppur se muove*? Mas, no caso presente, a mais correta interpretação sobre o significado de tudo aquilo podia ser sintetizada nas poucas palavras do padre Braun, do Colégio Catarinense, que não tinha como ser tachado de comunista, esquerdista, subver-



Eglê Malheiros lendo o discurso de Salim Miguel

sivo, ateu, etc., ao declarar na manhã seguinte, quando se deparou com o monte de cinzas: "Meu Deus do céu, será que estou voltando à Alemanha de Hitler?" (6).

Essa é uma experiência crucial; com ela, Salim Miguel se irmana a muitos outros, em outros lugares do mesmo país, em muitos lugares de outros países. É uma experiência pela qual passam muitos dos que se comprometem com a liberdade, a democracia política e social, outras formas de sociedade. Muitos são contemporâneos de Salim Miguel. Há os que sobrevivem traumatizados e os que perderam a vida eliminados; sem esquecer os desaparecidos memorizados.

Sim, esta é uma inflexão permanente na múltipla e polifônica narrativa de Salim Miguel: a realidade e a ficção, a vida e a imaginação, a história e a memória convivem, mesclam-se, determinam-se. O presente ressoa o passado, o indivíduo desvenda a coletividade, a biografia esclarece a história. Aos poucos, a lembrança relembra o pretérito vivido, transfigurado em imaginário. A narrativa agarra-se a fiapos esgarçados e fugazes de lembranças, mesclando vivências e sofrências, travessias e desencantos. É como se a história se transfigurasse em memória atravessada de esquecimentos.

"Desatado o fluxo da memória, fragmento de um caso puxa outro, não demora outro mais, tudo por vezes interrompido para por vezes retornar dias depois, ou não retornar nunca, sempre deixando rastros que se avolumam para formar um todo, que acaba por se transformar na saga da família" (7).

"Vai! Tenta outra vez. Recorre às tuas anotações. Te esforça. Puxa pela memória. Há uma estranha resistência que necessita



Cassiano Ellek Machado, representante da Folha de S. Paulo

ser vencida" (8).

Aos poucos o leitor se dá conta de que o encanto da narrativa leva consigo algo ou muito da oralidade. A fluência das frases e imagens, narrando casos e acasos, ditos e desditos, logo conquista o leitor, como que ouvindo o contador de casos, narrador cuja oralidade realiza a magia da transfiguração das palavras em figuras e figuração da vivência e da imaginação, do conhecido e desconhecido, do que foi e poderia ter sido.

"As minhas primeiras leituras foram, se assim posso me expressar, orais. Histórias que meus pais me contavam, grande parte extraídas das *Mil e uma noites*, causos que eu ouvia na rua e fantasiosas narrativas, parecendo saídas também das *Mil e uma noites*, contadas por um

preto velho, que me marcou com sua figura e que tem aparecido praticamente em toda a minha obra ficcional: Ti Adão, repositório, nos seus quase cem anos, de uma sabedoria popular, de lendas, de causos, de vivências pessoais

incríveis, uma imaginação prodigiosa, onde o que ele contava hoje era o mesmo e não era o mesmo amanhã, sempre novos fatos adicionados, modificados, revistos, tudo temperado com erotismo e humor" (9).

Em síntese, a vida e obra de Salim Miguel podem ser vistas como duas narrativas entrelaçadas. Narrativas de uma longa viagem, iniciada lá longe em Kfarsouroun e continuada no outro lado do mundo, em Nossa Senhora do Desterro, compreendendo muitos outros lugares, revelando inclusive o que foi e o que teria sido, o que é e o que será. São narrativas com as quais se mapeia toda uma vasta e complexa época, desde o século 20 ao século 21. Aí entrelaçam-se a biografia e a história, a vivência e a memória, a ficção e a utopia.



José Castilho Marques, diretor da Biblioteca Mário de Andrade

Uma utopia que nasce da narrativa literária, por meio da qual alimentam-se tanto a inquietação como a imaginação, momentos excepcionais da atividade artística, com a qual se abrem outros e novos horizontes para a emancipação.

"Uma das funções da arte é provocar. E o que caracteriza e define a obra de um autêntico criador é a permanente insatisfação com o já conseguido, por melhor que seja. Sendo uno, ele precisa ser múltiplo" (10).

Este pode ser o caminho que leva à utopia: duvidar, questionar e ultrapassar o que está dado, o que se sabe, o já alcançado, em busca de outras realidades; imaginando as possibilidades de realização e emancipação que se escondem no futuro. &

NOTAS:

(1) Salim Miguel, *Nur na escuridão*, romance, 2ª edição, Topbooks, Rio de Janeiro, 2000, pp. 59 e 76.

(2) Salim Miguel, *Nur na escuridão*, citado, pp. 77-78.

(3) Salim Miguel, *Primeiro de abril (Narrativas da cadeia)*, posfácio de Hélio Pólora, José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 1994, pp. 16-17.

(4) Flávio José Cardozo (organizador), *Salim na claridade*, 24 depoimentos, Fundação Catarinense de Cultura, Florianópolis, 2001, p. 39, do depoimento de Orival Prazeres.

(5) Salim Miguel, *Primeiro de abril*, citado, p. 112.

(6) Flávio José Cardoso (organizador), *Salim na claridade*, citado, pp. 24-25; citação retirada do depoimento de Silveira de Souza, *A Livraria do Salim*, pp. 23-25.

(7) Salim Miguel, *Nur na escuridão*, citado, pp. 81-82.

(8) Salim Miguel, *Primeiro de abril*, citado, p. 53.

(9) Flávio José Cardozo (organizador), *Salim na claridade*, citado, p. 85; citação da entrevista de Salim Miguel a Giovanni Ricciardi, *Dando o recado*, pp. 83-89.

(10) Salim Miguel, *Eu e as corruínas (crônicas, não só)*, Editora Insular, Florianópolis, 2001, p. 135.

A obra de Salim Miguel revela-se uma narrativa múltipla e colorida, como se fora a narrativa de uma viagem sem fim, iniciada lá longe e continuada no presente, a caminho do futuro.

É como se a narrativa de Salim Miguel fosse mutilada. A repressão atinge o narrador e a narrativa. Da mesma forma que se mutila a sociedade, mutila-se o criador e a criatura.